

Das telas para o papel: *blogs* como fonte para a Literatura de Massa

Elisa Vidal ¹
Patrícia Azevedo ¹
Gláucio Aranha ²

Resumo: Novas formas de produção textual vêm sendo desenvolvidas com o avanço das novas tecnologias, dentre elas destaca-se no presente ensaio os *blogs*. A princípio considerados, principalmente, como diários virtuais de adolescentes, esta forma ganhou novos contornos a partir da agregação de recursos específicos que incrementavam seu grau de interatividade. O presente ensaio estabelece uma reflexão sobre o desenvolvimento dos blogs e a contribuição desta tecnologia para a formação de novos espaços literários, bem como para a consolidação de campos de experimentação e seleção para a indústria editorial brasileira.

Palavras-chave: *blogs*; ciberliteratura; literatura de massa.

Abstract: New forms of textual production have been developed with the coming of new technologies, one of these technologies is analysed in this present paper: blogs. Initially considered mainly as teenagers virtual journals, this format have been increased its way of performing due to its new widgets that have increased its level of interactivity. This paper is a reflection about the development of blogs and the contributions of this technology for the creation of new literary spaces, as also as a field to experiment and to select works for the brazilian editorial business.

Key Words: blogs, cyberliterature, mass literature

1 Introdução

Com a evolução das tecnologias e das possibilidades de comunicação, inovadores suportes para a produção e disseminação de textos vêm sendo desenvolvidos. Tais transformações não se restringem a uma abordagem centrada na “migração” de conteúdo do papel para a tela. Os próprios paradigmas que sustentavam o cânone literário e suas formas consagradas estão passando por uma “crise” que impõe a sua reestruturação. Elementos como as narrativas hipertextuais e as criações poéticas multimídias demandam um olhar mais atento às suas especificidades e impactos, tanto no campo editorial quanto literário.

¹ Graduandas do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mails: elisavidalcn@yahoo.com.br; patriciaazevedo@gmail.com.

² Pesquisador e coordenador do Núcleo de Pesquisa em Ciências Humanas do Instituto de Ciências Cognitivas (ICC) Analista da Escola da Administração Judiciária (ESAJ), do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Graduado em Direito (UFRJ), Mestre em Comunicação, Imagem e Informação (UFF) e Doutorando em Letras (UFF). E-mail: glaucoaranha@yahoo.com.br.

O crescimento do uso da internet popularizou a linguagem hipertextual, cuja estrutura encaminha o leitor para outros textos através de associação de idéias, virtualizando a relação escrita-leitura (LÉVY, 1993). Muitas vezes, o leitor é direcionado pelo próprio autor do hipertexto, através dos *links*, dando-lhe uma sensação de liberdade plena por meio do agenciamento ou agência (MURRAY, 2003). Entendendo este como um prazer estético que promove no leitor-interator a sensação de que suas escolhas são significantes na realização do texto. Isto possibilita que o usuário fique mais à vontade em relação à não-seqüencialidade e ao formato não-estático da *web*.

Devido ao uso vago e difundido do termo “interatividade”, o prazer da agência em ambientes eletrônicos é freqüentemente confundido com a mera habilidade de movimentar um joystick ou de clicar com um mouse. Mas atividade por si só não é agência. Por exemplo, num tabuleiro de jogo de azar, os jogadores podem manter-se muito ocupados girando a roleta, movendo peças do jogo e trocando dinheiro, mas eles não podem ter qualquer sentido real de agência. As ações dos jogadores geram efeitos, mas tais ações não são escolhidas por eles e seus efeitos não estão relacionados às intenções dos jogadores. (...) Alguns jogos, como o xadrez, podem ter relativamente poucas e infreqüentes ações, mas possuem um elevado grau de agência, uma vez que as ações são bastante autônomas, selecionadas de uma vasta gama de escolhas possíveis, e determinam inteiramente o curso do jogo. (MURRAY, 2003, p. 128-129).

Paralelamente a isto, o galopante avanço das novas tecnologias permitiu que o ambiente gráfico, especialmente na internet, fosse se tornando mais amigável ao usuário, facilitando a navegabilidade e a sua familiarização com esta estrutura. Dentre estas inovações das ferramentas de produção textual, o surgimento de recursos que viabilizam ao usuário uma disponibilização de conteúdo mais simples, sem que sejam necessários conhecimentos técnicos avançados, ganha destaque. Cada vez mais a internet foi se tornando acessível ao público. A agência NetCraft (2007, p. 14) informa que, em 2006, foram registrados cerca de 64 milhões de *blogs*. Em junho de 2007, no Brasil, registrava-se cerca de 33,1 milhões de usuários e um tempo médio de navegação residencial por internauta em torno de 22 horas e 26 minutos³. Por sua vez, os *blogs* representam nesta conjuntura uma destas ferramentas de suporte textual modelado, que permite a produção fácil e simplificada de conteúdo livre em hipermídia.

O fenômeno dos *blogs* tem sido responsável por uma nova dinâmica na produção e consumo de literatura, inserindo novos elementos e características ao texto, que tanto pode se aproximar quanto se distanciar do texto impresso. É importante destacar que tais ferramentas, mais do que um “novo”, são sustentações que se estabelecem justamente por rumarem ao encontro de uma sensibilidade contemporânea já estabelecida. Como destaca Ana Cláudia Viegas, os relatos deste

³ Dados são do estudo de junho do Ibope Net/Ratings. Fonte: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2007/07/19/296867691.asp>.

período caracterizam-se pela fragmentação e descontinuidade, mesmo em obras impressas, vindo tais tecnologias apenas servir de alicerce para este sentir.

Espatifados, os novos relatos articulam-se – em sua descontinuidade – pelo fluxo, cujas regras básicas são a redução dos componentes narrativos, a predominância do ritmo e a hegemonia da experimentação tecnológica, com efeitos sofisticados sobre o desenvolvimento mínimo da história. (VIEGAS, 2005, p. 43)

Este novo modo de ler e de escrever, mais rápido, simples, dinâmico e acessível, torna-se cada vez mais objeto de consumo, e destacaremos aqui o processo de imbricação que vem se verificando entre *blogs* e produção de literatura de massa. Por meio desta tecnologia, é possível observar o surgimento de espaços singulares de circulação e ascensão de novos autores, produzindo cada vez mais impacto sobre a indústria editorial.

2 O baby boom dos Blogs

Em meados de 1999, começou a ganhar popularidade na Europa e nos Estados Unidos uma nova ferramenta textual, através da qual o usuário tinha a possibilidade de editar e publicar seu conteúdo na *web* de maneira mais simples, rápida, não exigindo muitos conhecimentos técnicos em computação. Era o início dos *blogs* com o surgimento do *software* Blogger (BLOOD, 2005).

A princípio, os *blogs* tinham basicamente dois tipos de funções: comentários (a respeito de fatos, notícias, produtos, serviços, sites, entre outros) e diário (nos quais as pessoas descreviam seu dia-a-dia e contavam suas experiências, mostrando um pouco dos seus gostos e personalidade). Contudo, com a popularização desta ferramenta, muitos portais passaram a enxergá-la como oportunidade de negócio e como meio de expansão de público, facilitando o acesso do usuário leigo à produção e publicação do seu próprio conteúdo. Bastava preencher um cadastro para que um usuário comum tivesse seu *blog*.

Por volta de 2002, esta ferramenta começa a se tornar um fenômeno no Brasil, com intensa disseminação ao longo do ano de 2003. Neste momento, seus usuários eram majoritariamente adolescentes que utilizavam os *blogs* como “diário virtual”, sendo, todavia, muito desta produção considerado irrelevante. Segundo Tarcísio Silva, era possível verificar então:

Uma certa obsessão pela vida alheia, uma busca incessante por experiências de fato reais, numa exposição exacerbada, por todos os lados dos indivíduos, que falam de suas próprias vidas, que lêem sobre as vidas dos outros. Tudo isso aparece claramente no movimento dos *weblogs*. (SILVA, 2005)

Por outro lado, com esta popularização, um novo perfil de público começou a surgir, ainda que não representasse a maioria, gerando um conteúdo mais associado à vertente dos comentários e

da análise dos acontecimentos. A partir da produção textual deste grupo, os *blogs* começaram a ganhar novos usos e popularidade. Raquel Recuero (2003) sugere cinco vertentes para estes novos usos. Teríamos então os *blogs* como diários, publicações, literários, *clippings* e mistos. Enquanto Diários estariam centrados no relato pessoal e cotidiano, bem como comentários e opiniões pessoais, álbum de fotografias, socializando a história e impressões de seu autor. Vistos como Publicações, eles poderiam assumir a forma de um noticiário, relacionando informações orientadas para um tema específico ou não, mas o centro gravitacional deste modelo é o propósito informativo, incluindo-se aqui, por exemplo, os de divulgação. Os Literários seriam assim assumidos quando se propõem a divulgar material ficcional, narrativas, crônicas, poesias, experiências ficcionais (por exemplo, composições coletivas), dentre outros. Como *Clippings*, podemos considerar aqueles que nos remetem à idéia de remediação do “livro de recortes”, ou seja, produzem um apanhado de outras publicações, inclusive outros *blogs*, via de regra sem qualquer acréscimo de informações outras ou mesmo comentários pessoais em relação às informações postadas. Por Mistos, entende-se qualquer modelo que opere em áreas de interseção entre dois ou mais dos modelos anteriormente citados.

Dentre estas, destacamos aqui os *blogs* literários, em especial no que tange à utilização por escritores, sem apoio de editoras, para divulgação e edição eletrônica de suas obras. Começou-se a perceber que o *blog* não era somente um diário de adolescente, podendo ser tomado também como veículo para divulgação de conteúdos literários. As próprias mantenedoras de *blogs* demonstram estar cientes deste tipo de uso, estimulando-o, como é o caso do *Blogger*, da Google, que se valendo da própria ferramenta já orienta seu usuário no sentido de *Como fechar um contrato para escrever um livro com o seu blog*⁴, evidenciando esta tendência para divulgação de obras que vem tornando os *blogs* um dos suportes de referência para a ciberliteratura.

3 Hipertexto e Ciberliteratura

A criação literária nos *blogs* se distancia da tradicional em especial pelo caráter interativo. Esta perspectiva ganha mais notoriedade com a *web 2.0*. Este termo foi cunhado, em 2003, pela empresa estadunidense O'Reilly Media, para designar a segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma *Web*, como *wikis*, aplicações baseadas em *folksonomia* e redes sociais, tendo como característica básica a maior aproximação e a interação do emissor com o receptor. Este dispositivo introduziu novas funcionalidades para os *blogs*, tais como: caixa de comentários, *links*

⁴ <http://help.blogger.com/bin/answer.py?answer=41991&query=literatura&topic=&type=f>

para *e-mail*, bem como para outras páginas e *karmas* (maneira de qualificar a informação de um *post*).

Seguindo a lógica própria dos ambientes digitais de produção textual, observa-se nesta ferramenta a presença dos elementos participatórios, exploratórios, enciclopédicos e procedurais (MURRAY, 2003). O leitor é convidado a produzir *input*, participando fisicamente da escrita. Para tanto, cabe a ele explorar os blocos textuais propostos pelo autor. Tais blocos são ampliados de modo enciclopédico a partir do momento que se ligam a um indefinido número de outros textos, formando uma rede textual que amplia exponencialmente as possibilidades de leitura. Considera-se tal tecitura enciclopédica, no sentido de que ultrapassa a possibilidade imediata de fixação de conteúdos. Por fim, o caráter procedural será marcado pela existência de uma série de regras próprias da ferramenta que estabelecem procedimentos de leitura, navegabilidade, remetendo o gesto de leitura para um jogar com o texto. A transformação do leitor em um leitor-interator impõe à sua leitura uma demanda pelo *feedback*, portanto por uma produção de escrita. Como destaca Cinthya Santos (2002), o gesto de leitura produzido na *web* implica um gesto de edição e de montagem singular.

A produção textual nos *blogs* redimensiona os debates sobre hipertexto, este “mosaico de citações, absorvidas e/ou transformadas” (LÉVY, 1993). O texto pode abrigar citações, comentários, contestações e até ser constituído a partir de outros textos, formando assim uma teia de diálogos dinâmicos. Tais contingências contribuem para a remodelação dos veículos tradicionais, menos interativos.

O ciberespaço incita novas localizações paradigmáticas e a literatura se deixa desconstruir para se remodelar em aspectos dinâmicos: inter, intra e hipertextuais. Assim como os estatutos artísticos estão sendo redefinidos, os conceitos clássicos de valor, realidade e verdade estão sendo remodelados. (SANTOS, 2002)

Nesta conjuntura de inovação e mudanças, sobressaíram alguns escritores da *web*, que, com o sucesso crescente, migraram para outras plataformas, transpondo seu conteúdo do eletrônico para o impresso, em um momento contrário aos discursos integrados. Alguns autores partiram deste modo dos *blogs* para se tornarem conhecidos fora do meio digital.

4 Blogs e Literatura

Um efeito que merece ser destacado diz respeito à ampliação das fronteiras da língua. Muitas vezes utilizado por adolescentes ou usuários sem o domínio de outras línguas, os sistemas de busca conduzem os usuários para *blogs* de outros falantes da língua portuguesa. Fato este que pode

ser notado, por exemplo, em *A Lâmpada Mágica*⁵, *Local e Blogal*⁶, *Escrita Ibérica*⁷ e *Oficina das Ideias*⁸, espaços dedicados ao viés literário dos *blogs*, mas que transcendem as barreiras geográficas pela natureza do ciberespaço e do idioma comum aos brasileiros.

Se, a princípio, os *blogs* eram vistos como diários virtuais de adolescentes, mais tarde passaram a representar uma forma simples e de baixo custo para a publicação de histórias. Neste momento, os *posts* começaram a ter ganchos e as histórias, continuidade, sendo criados "capítulos", que remetem à forma de publicação dos antigos folhetins de jornais do século XIX. Um exemplo é o *blog Amarula com Sucrilhos*⁹, de Alê Félix. Ao mesmo tempo, o texto se abre em direções diretamente relacionadas ou não com a obra principal, como no caso dos diversos textos que vão permeando a *Saga do Primeiro Beijo*.

A divisão das histórias em capítulos nos *posts* foi um dos fatores que chamou a atenção de algumas editoras, as quais começaram a perceber o potencial dos escritores da “blogosfera” para escrever livros que agradassem ao público da chamada cultura de massa.

Em 2002, foram lançados os primeiros livros escritos por blogueiros. O primeiro título publicado foi *Máquina de Pinball*, de Clarah Averbuck (2002), que já era bem conhecida na rede com o *blog Brasileira! Preta*¹⁰, onde publicava textos de sua autoria e de outros escritores. Clara ainda publicou os livros *Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante* (AVERBUCK, 2003) e *Vida de Gato* (AVERBUCK, 2004).

Estava surgindo um movimento literário em um novo tipo de mídia. Todo mundo falava de *blogs*, lógico, mas só a partir do momento que viraram livros que eles deixaram de ser apenas diários virtuais. (FÉLIX, 2007)

Assim como Clara, diversos autores seguiram este caminho, mas nenhum se destacou tanto no mercado editorial como Raquel Pacheco, ou *Bruna Surfistinha*, que publicou os *best sellers* *O Doce Veneno do Escorpião* (SURFISTINHA, 2005) e *O Que Eu Aprendi com Brunna Surfistinha* (PACHECO, 2006).

Ela se tornou conhecida através do *blog*¹¹ que levava seu nome, no qual narrava suas aventuras sexuais como garota de programa, temática que perdurou em seus livros. O *blog* já era

⁵ <http://lampadamagica.blogspot.com/>

⁶ <http://blogal.blogspot.com/>

⁷ <http://escritaiberica.weblog.com.pt/>

⁸ <http://www.ideotario.blogspot.com/>

⁹ Hoje no endereço www.alefelix.com.br.

¹⁰ Endereço: <http://brazileirapreta.blogspot.com/>.

¹¹ Endereço: www.brunasurfistinha.com/blogs/.

visitado por mais de 15 mil pessoas diariamente¹², quando ele começou a ser notícia na imprensa. A história de vida da menina de classe média que então era garota de programa chamou a atenção de uma editora que propôs a Raquel Pacheco transformar seus relatos em livro.

O Doce Veneno do Escorpião chegou à 15ª edição e teve mais de 250 mil exemplares¹³ vendidos, gerando discussões a respeito da qualidade do livro e do sucesso de Bruna Surfistinha, que já foi considerada pela crítica como “Paulo Coelho do Sexo”¹⁴.

“o *best seller*, por ser um tipo de leitura fácil, descartável, pronta para ser consumida sem esforço, recorrendo a elementos relativos a sexo e violência como motivadores da narrativa, é a leitura privilegiada pelos estudantes”
(FHILADELFIO, 2003)

Alguns elementos do texto de Bruna Surfistinha coincidem com características básicas da literatura de massa pelo pedagogismo, ou seja, por gerar no leitor a sensação de que há algo a ser aprendido com a obra, seja uma informação teórica ou uma experiência. No caso em questão, temos, em *O Doce Veneno do Escorpião*, a narrativa da história supostamente verídica de uma menina abastada que se torna garota de programa, adentrando em um mundo visto como tabu. Ela se apresenta como uma heroína angustiada que tem final feliz ao encontrar o “príncipe encantado”, que muda a sua vida.

5 Considerações Finais

Apesar de características da literatura de massa estarem presentes na ascensão de *Bruna Surfistinha*, o que hoje é produzido nos *blogs* ainda não está preparado para ser classificado como tal. O produto literário da internet ainda está distante de atingir a massa, ficando restrito a uma minoria da população.

(...) a internet chega como um meio de propagar idéias de forma rápida e objetiva – a Bruna Surfistinha, como milhares de pessoas, publicou o seu livro partindo da internet. Os *blogs*, tão difundidos nos dias de hoje, são como experiências, como

¹² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u55033.shtml>.

¹³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u70086.shtml>.

¹⁴ Declaração dada por Eliane Robert Moraes, professora de estética e literatura da PUC e autora de "Lições de Sade - Ensaios sobre a Imaginação Libertina" (editora Iluminuras) ao jornal Folha de S. Paulo em 03 de setembro de 2006.

prévias daquilo que se está escrevendo. É uma forma de testar a reação das pessoas, de analisar o *recall*, o *feedback*, principalmente para aqueles que estão gerando o primeiro livro. Funciona como uma amostra grátis, como um laboratório. (QUEIROZ, 2006)

Blog representa um cartão de visita, uma ponte para os escritores chegarem até as editoras. Em contrapartida, a mudança de suporte, do mundo virtual dos blogs para o concreto dos livros, altera as características básicas do texto: de um formato mutante e ágil para estático e custoso, saindo de um ambiente de trocas múltiplas para um caminho de mão-única, com leitor passivo, que não interage com o texto.

Sendo assim, essas transformações fazem a passagem de conteúdo das telas para o papel não se constituir como um caminho natural. É um processo que gera perdas e ganhos ao que foi escrito. Porém, num mundo como o atual, em que vale tudo para se sobressair e aparecer, a internet, com mais facilidade do que outros meios, é o suporte utilizado para levar o privado ao extremamente público.

Referências Bibliográficas

AVERBUCK, Clarah. *Máquina de Pinball*. São Paulo: Editora Conrad, 2002.

_____. *Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2003.

_____. *Vida de Gato*. São Paulo: Editora Planeta, 2004.

BLOOD, Rebecca. *Weblog: a history and perspective*. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essay/weblog_history.html . Acessado em 22 jun. 2005.

FÉLIX, Alê. *Como transformar blogs em livros*. Jornal O Estado de São Paulo em 18 de junho de 2007.

FHILADELFIO, Joana Alves. “Literatura, Indústria Cultural e Formação Humana”. In: *Caderno de Pesquisa*, nº 120, p. 203-219, 2003.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MURRAY, Janet H.. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

NETCRAFT. “A internet em números”. *O Globo*, Caderno Educação & Internet, de 27 de

agosto de 2007.

PACHECO, Raquel. *O que aprendi com Bruna Surfistinha*. São Paulo: Panda Books, 2006.

QUEIROZ, Duda Bom. A Literatura Abre as Pernas. Retirado em 22/07/2007 de *World Wide Web*: <http://www.revistadoisPontos.com.br/2006/03/23/a-literatura-abre-as- pernas/>, 2006.

RECUERO, Raquel. *Warblogs: Os Blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-warblogs.pdf>, 2003.

SANTOS, Cinthya Costa. “Literatura Digital: Intertexto, Intratexto e Hipertexto”. In: *2º Encontro de Ciência da Literatura*, da Faculdade de Letras da UFRJ, 21 a 23 de outubro de 2002. Disponível em http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/index_encontro.htm, Acesso em 23/03/07.

SILVA, Tarcísio Torres. “Blogs e o Crescimento das Trocas Simbólicas na Rede”. In: *Caligrama – Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem*, vol. 1, nº 2, 2005.

SURFISTINHA, Bruna. *O Doce Veneno do Escorpião – O Diário de uma Garota de Programa*. São Paulo: Editora Original, 2005.

VIEGAS, Ana Cláudia. “Quando a técnica se faz texto ou a literatura na superfície das redes”. In: JOBIM, José Luís (org.). *Literatura & Informática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, pp. 3-46.

Bibliografia consultada

DUMONT, Lígia Maria M.. “A Opção pela Literatura de Massa: Simples Lazer, ou Alienação?”. In: *Investigacion Bibliotecológica*, vol. 14, nº 2, 2000.

GUIMARÃES, Denise A. D. “Novos paradigmas literários”. In: *Alea*, vol. 7, nº 2, p. 183-208, 2005.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. Em: Xavier, Antônio Carlos e Marcuschi, Luiz Antônio (Ed.). *Hipertexto e Gêneros Digitais* (pp. 110-119). São Paulo: Editora Lucerna, 2004.

PAZ, Eliane H.. *Massa de Qualidade*. Trabalho apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, Brasil, novembro, 2004.